

Língua, Literatura e Ensino, Dezembro/2014 – Vol. XI

## A RECEPÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS ROMANCES DE JANE AUSTEN NA INGLATERRA, FRANÇA E BRASIL NO PERÍODO DE 1811 A 1914

Clarissa Resende ROSA

Isabela Scarassati VICENTIN

Isabella Maria Navarro Beneveni CAMPOS

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

**Resumo:** Jane Austen é, provavelmente, uma das romancistas do século XIX mais reconhecidas e aclamadas tanto pelo público quanto pela crítica atual. Com diversas releituras, filmes e séries televisivas baseadas em seus seis livros publicados, é difícil imaginar que Austen não tenha desfrutado de tanto reconhecimento em vida. Mas romances, especialmente os escritos por mulheres, eram mal vistos pela crítica. A publicação de seus romances, até o ano de 1914, esteve restrita, principalmente, à Inglaterra e França, e a primeira tradução brasileira de *Orgulho e Preconceito*, um de seus romances mais conhecidos, foi lançada apenas em 1940. Com este trabalho, pretendemos fazer uma breve apresentação acerca da recepção e da circulação dos romances de Jane Austen no século XIX e início do século XX.

**Palavras-chave:** História Literária, Literatura Estrangeira, Romance, Jane Austen

### 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, é conhecida e difundida a máxima de que *ler faz bem*. Dessa forma, é comum nos depararmos com grandes e pequenas feiras de livros, campanhas de empresas privadas e projetos governamentais que incentivam a leitura. Contudo, essa noção de que o ato de ler constrói cidadãos críticos e pensantes, além de trazer benefícios que vão desde a memória e do aumento de conexões em algumas áreas cerebrais<sup>1</sup> à melhoria das relações interpessoais, não era compartilhada pelos indivíduos dos séculos XVIII e XIX. Pelo contrário, eles acreditavam que a leitura, principalmente de romances, oferecia perigos para a saúde, corrompia o gosto e a moral, além de alegarem que o esforço continuado de intelecção de um texto causava prejuízos aos olhos, aos nervos, ao cérebro e até mesmo ao estômago.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Um estudo publicado no periódico *Brain Connectivity*, em dezembro de 2013, revelou que ler acarreta mudanças em uma região do cérebro ligada à recepção da linguagem e no sulco central, responsável pelas funções motoras. Tais mudanças podem persistir por alguns dias após o término da leitura. (Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/ler-romances-modifica-as-conexoes-cerebrais>>. Acesso em 24/03/2014.)

<sup>2</sup> ABREU, Márcia. “Diferentes formas de ler”. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 21 out. 2014.

No entanto, mesmo com as críticas intensas ao gênero romance, tais livros circulavam em um número consideravelmente grande pela Europa e, graças à globalização da cultura<sup>3</sup>, eram levados para outros países, mesmo que suas traduções levassem algum tempo para serem publicadas. Alguns escritores fizeram sucesso de público em sua época e, hoje, não são mais tão reconhecidos; outros, ao contrário, não eram tão lidos pelo público ou bem conceituados pela crítica, mas, nos dias atuais, são considerados representantes da literatura de seu tempo. A romancista Jane Austen é uma das poucas que, apesar das críticas, desfrutou do reconhecimento do público em vida e, hoje, é considerada um ícone do romance inglês.

## 2. JANE AUSTEN

Jane Austen é, atualmente, uma das escritoras inglesas mais aclamadas do universo literário, consagrando-se devido aos recursos linguísticos presentes em sua obra e às críticas sutis à sociedade provinciana inglesa do século XVIII. É autora de seis romances (*Razão e Sensibilidade*, *Orgulho e Preconceito*, *Mansfield Park*, *Em ma*, *A Abadia de Northanger* e *Persuasão*), os quais se perpetuam como clássicos até os dias atuais, além de duas obras inacabadas, *Sanditon* e *Os Watsons*.

A autora nasceu em 16 de dezembro de 1775, em Steventon, no condado de Hampshire, Inglaterra. Filha do reverendo George Austen e de Cassandra Austen, Jane Austen foi a segunda mulher dentre sete irmãos. Ainda muito nova Austen foi mandada para um colégio interno, juntamente com sua irmã, a fim de receber educação formal. No entanto, a escola na qual a autora estava matriculada não era rígida o bastante; assim, ao passar de um ano, as irmãs retornaram à sua cidade natal (Steventon) e passaram a receber ajuda dos pais para estudarem. Em casa, Jane Austen aprendeu a desenhar, tocar piano, realizar tarefas domésticas, e, sobretudo, leu muito. Dessa forma, conclui-se que seu contato com os livros vem do acesso à biblioteca da família, tendo em vista que o reverendo Austen possuía uma vasta e completa coleção de livros, que contava com aproximadamente quinhentas obras, entre elas clássicos como Shakespeare e muitos autores contemporâneos com os quais a escritora familiarizou-se, tal qual Hemy Fielding, Richardson, Sir Walter Scott, o poeta George Crabber, Maria Edgeworth, Cecília Frances Burney e muitos outros.<sup>4</sup>

Jane Austen começou a escrever ainda muito nova, por volta dos doze anos de idade, e a esses primeiros textos e fragmentos deu-se o nome de *Juvenilia*. Contudo, foi apenas aos dezenove anos que a autora escreveu seu primeiro romance bem acabado, em forma epistolar, intitulado *Lady Susan*.

---

<sup>3</sup> A globalização da cultura não é algo recente. Na realidade, trata-se de um processo que remete ao século XVI, quando as monarquias ibéricas, por meio das grandes navegações, instauraram conexões entre *os quatro cantos do mundo*. A partir das interações dessas nações, foram estabelecidas trocas comerciais, nas quais, entre os produtos comercializados, os livros e impressos ocupavam lugar de grande destaque. (ABREU, 2011, p. 115-130)

<sup>4</sup> SALLABERRY, Raquel. “Minibiografia de Jane Austen”. Disponível em: <<http://www.janeausten.com.br/minibiografia-de-jane-austen/>>. Acesso em: 21 out. 2014.

Em seus livros, Jane Austen apresentava o modelo de perfeição feminina da época e debochava dele, criando mulheres fortes e determinadas. Criticava a crença de que nada poderia ser mais pernicioso para a vida de uma moça do que a leitura de romances. Além disso, também escrevia sobre gerações familiares, onde os mais velhos estavam acomodados a uma tradição e os jovens encontravam-se ávidos por mudanças. Esses fatores, apesar de desagradarem a crítica contemporânea, agradavam o público leitor daquela época e de nosso século.

Anos antes de vir a falecer, em 1806, o pai de Jane Austen, reverendo George, levou os dois romances de sua filha, *Razão e Sensibilidade* (primeiramente chamado de *Elinor and Marianne*) e *Orgulho e Preconceito* (originalmente *First Impressions*) a um editor, que os recusou. A publicação desses dois títulos só ocorreu em 1811 e 1813, respectivamente. Já em 1814, Austen publicou *Mansfield Park*, seguido por *Emma* (1815), e, por fim, *A Abadia de Northanger* e *Persuasão* postumamente, em 1818.

Nesse meio tempo, especificamente em 1815, a autora começou a apresentar crises esporádicas de dores nas costas, cansaço e fraqueza. Portanto, suspeita-se que a inglesa sofria da doença de Addison, também conhecida como insuficiência adrenal crônica, e muito rara, até então desconhecida por grande parte dos médicos da época<sup>5</sup>. Um ano depois, a enfermidade se agravou e, em 1817, Austen foi obrigada a deixar de lado o livro em que estava trabalhando, *Sanditon*, devido à fraqueza que a acometia. Jane Austen faleceu na manhã do dia 18 de julho de 1817, e está sepultada na Catedral de Winchester.

Foi somente em 1869 que o sobrinho da autora, James Edward Austen-Leigh, publicou uma biografia da tia sob o título *A Memoir of Jane Austen*, tornando-se, assim, um dos responsáveis pela repercussão póstuma da fama de Jane Austen.

É importante acrescentar que Jane Austen publicou seus livros de forma anônima, referindo a si mesma como “da mesma autora de *Razão e Sensibilidade*”, e apenas sua família tinha conhecimento de que ela era uma escritora. Acredita-se que Austen tenha feito isso por ser mulher e para preservar sua privacidade, tendo em vista que a sociedade inglesa da época considerava a entrada da mulher na esfera pública como uma perda de sua feminilidade.

### 3. JANE AUSTEN NO CAMPO LITERÁRIO DO SÉCULO XIX

Pierre Bourdieu, sociólogo do século XX, entende *literatura* como *campo* (um espaço regido por suas próprias regras)<sup>6</sup>, e não como um conjunto de obras imateriais cuja primazia está em uma literariedade abstrata. Assim, o conceito de *campo literário* “é uma possibilidade mais versátil de entendimento da engrenagem que envolve a produção, a circulação e o consumo do material artístico”<sup>7</sup>. O campo literário possui, dessa forma, regras de consagração próprias, ou seja, não depende dos campos econômico, político, religioso ou social.

---

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> BORDIEU, 2005.

<sup>7</sup> COUTINHO, 2003, p.54.

Dentre os autores do século XIX que foram bem recebidos no campo literário mundial, apesar de não ocuparem uma posição privilegiada dentro deste, podemos citar Jane Austen. Jan Fergus, autora de livros sobre a romancista, em *A Companion to Jane Austen* (2009), afirma que o período de vida de Austen coincidiu com uma extraordinária ampliação do mercado literário, pois houve um aumento na produção de livros e em sua distribuição, de forma que a leitura se tornou mais acessível à maioria das classes sociais e, conseqüentemente, os romances se popularizaram.

Contudo, Austen passou a receber uma atenção maior da crítica apenas a partir do início do século XX. Harold Bloom, crítico estadunidense, na obra *O Cânone Ocidental* (1985, p.246-247), afirma que os livros da romancista são dotados de uma “persuasividade” canônica, já que apresentam conteúdos envolventes e permitem que o leitor seja inserido na obra. No entanto, atualmente podemos afirmar que Jane Austen encontra-se em uma posição mais elevada dentro do campo literário mundial, já que suas obras são (re)lidas e adaptadas para o cinema, televisão e teatro, além de ter grupos inteiramente voltados para o estudo e a encenação de seus romances, de forma que o número de seus leitores tem crescido cada vez mais.

#### 4. O MERCADO EDITORIAL DO SÉCULO XIX

Os livros de Jane Austen, durante os anos de 1811 e 1914, apresentaram uma quantidade relevante de edições publicadas em língua inglesa. Ainda que Austen fosse bem recebida pelo público-leitor, a crítica não deu tanta credibilidade às obras da autora, principalmente por se tratarem de romances escritos por uma mulher do século XIX.

*Razão e Sensibilidade* foi o primeiro livro publicado por Jane Austen no ano de 1811. Porém, foi apenas com seu segundo romance, *Orgulho e Preconceito*, publicado em 1814, que a autora obteve o maior número de publicações. Contudo, Austen não obteve muito lucro com as vendas de seu *best-seller*, pois a autora vendeu os direitos autorais da obra por fl10, o equivalente a aproximadamente B.735,60 em 2005. Se não o tivesse feito, Austen teria lucrado f475, o que equivaleria a fl6.131,00 em 2005<sup>8</sup>.

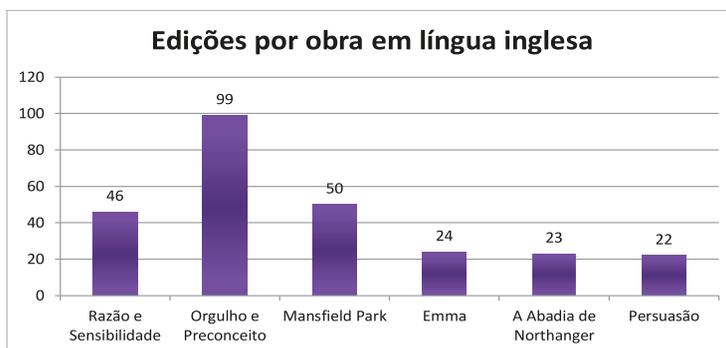


Gráfico 1: Publicações de Jane Austen na língua original

<sup>8</sup> The National Archives. Disponível em: <<http://apps.nationalarchives.gov.uk/currency/default.asp#mid>>. Acesso em: 21 out. 2014.

Mesmo que os livros da autora não fossem tão acessíveis, pois custavam cerca de 18 shillings (aproximadamente BO,56 em valores reajustados para o ano de 2005)<sup>9</sup>, fizeram grande sucesso de público. É possível atribuir a difusão de seus livros entre os leitores pelo enredo fácil e sem digressões, narrativas sentimentais, abundância de diálogos e a crítica à sociedade da época. No entanto, é importante ressaltar que, na época em que Austen publicou suas obras, era comum o empréstimo de livros entre pessoas da mesma família, do mesmo círculo social e de bibliotecas públicas e circulantes. Dessa forma, a compra de livros não era tão comum como atualmente.

Através do Gráfico 1<sup>10</sup>, podemos afirmar que *Orgulho e Preconceito* destacou-se como o livro mais vendido de Jane Austen entre os anos de 1813 e 1914, mesmo que não tenha sido o primeiro publicado. Tal êxito na época em que foi publicado provavelmente advém da fluidez do enredo, onde não há digressões e descrições extensas. Austen atinha-se, assim, apenas ao necessário, e sua narração é comparada pela escritora e historiadora Nikelen Witter com o ato de quem observa pessoas pelos buracos das fechaduras, entendendo-as mais pelo que fazem e dizem do que por longas apresentações retóricas sobre quem realmente são<sup>11</sup>.

Já na França, cujo campo literário era o mais valorizado da época, ditando as regras do mundo literário, Austen obteve quinze edições de seus seis romances, e *Orgulho e Preconceito* manteve-se como *best-seller* da autora, sendo o único com quatro edições para a língua francesa, como mostra o Gráfico 2.

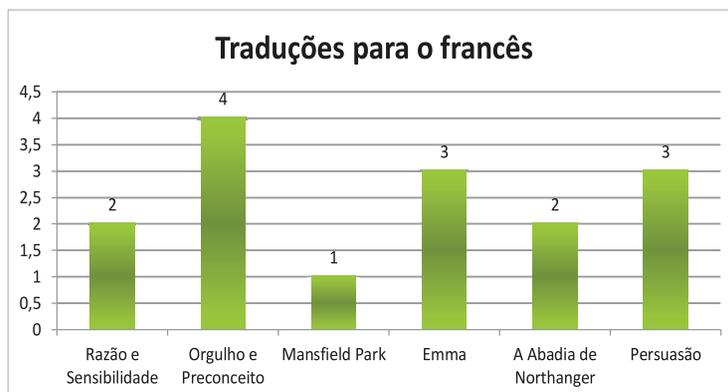


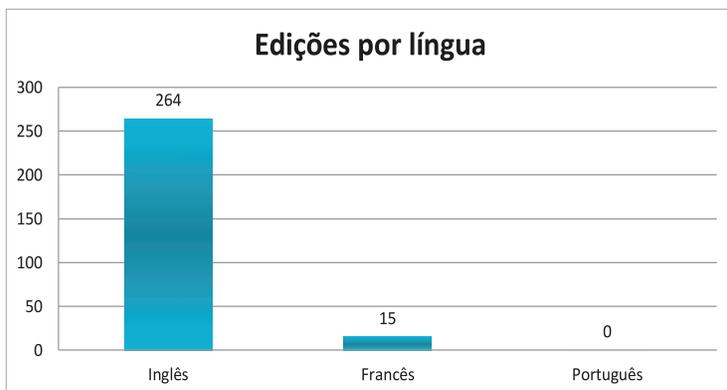
Gráfico 2; Publicações de Jane Austen em francês

Naturalmente, Jane Austen possui mais publicações em língua inglesa, como mostra o Gráfico 3. É importante ressaltar que os livros de Jane Austen só foram traduzidos para o português brasileiro no ano de 1940, após a época compreendida pela pesquisa, com a publicação do primeiro exemplar de *Orgulho e Preconceito* pela editora José Olympio, traduzido por Lucio Cardoso.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> Os gráficos presentes nesse artigo foram gerados tendo como base a pesquisa, em catálogos de bibliotecas internacionais, das edições dos seis livros de Jane Austen publicadas no período de 1811 à 1914.

<sup>11</sup> WITTER, 2013.



**Gráfico 3:** Publicações de Jane Austen em inglês, francês e português

## 5. A CRÍTICA VITORIANA

Os críticos do século XIX, ao realizarem a avaliação dos romances publicados, utilizavam como parâmetro alguns critérios textuais que definiriam se a obra era boa e *digna* de ser lida. Podemos citar, entre eles, a *moral*, que deveria estar presente no romance e conduzir os leitores para o caminho da virtude. Os romances deveriam, assim, conduzir o leitor para que este, ao entrar em contato com os personagens, visse o modo de agir destes, e aprendesse quais seriam as atitudes recompensadas e quais seriam punidas, trazendo tal aprendizado para o mundo concreto.

Outros critérios utilizados pelos críticos eram o *estilo*, *enredo* e *personagens*. Dessa forma, o romance deveria trazer certa variedade de incidentes interessantes, que atraíssem a atenção do leitor; personagens naturais e de atitudes verossimilhantes aos costumes da época; a linguagem deveria ser correta e elegante, livre de afetações e digressões, que poderiam desviar a atenção do leitor<sup>12</sup>.

Mesmo abordando alguns dos critérios mencionados acima, Jane Austen não foi muito bem recebida pela crítica de sua época: diversos jornais do século XIX que abordaram seus romances trouxeram críticas relativamente negativas contra a romancista, ao mesmo tempo em que outros a elogiaram.

Um exemplo de crítica positiva seria a feita por Eusebe Girault na coletânea *Revue des Romans*, publicada em 1839, onde o estudioso elogia Jane Austen e suas obras. Ao analisar *Orgulho e Preconceito*, Girault exalta o gosto literário da autora, afirmando que Austen era propensa ao tipo mais requintado de literatura, o que possibilitou que ela aprendesse o chamado “bom estilo”. Além disso, o crítico afirma que *Orgulho e Preconceito* não é indicado para leitores que procuram aventuras românticas e ações dramáticas, mas sim para aqueles que anseiam por personagens inteligentes e diálogos astutos. Da mesma forma, ao falar sobre *Persuasão*, Girault ressalta e elogia a destreza

<sup>12</sup> VASCONCELOS, 2007.

de Austen em escrever enredos simples que estimulam a leitura, além de destacar o fato de que a romancista descreve cenas de amor de forma velada e sem repetições, o que, segundo o crítico, é algo positivo, já que recursos literários usados em demasia tornam o livro cansativo; da mesma forma, Girault contraria a mentalidade da época ao afirmar que obra tão agradável só podia ter sido escrita por uma mulher.

Em contrapartida, por ser mulher e escrever romances, Austen era colocada em um plano inferior por muitos críticos. Em um artigo publicado em 1882 no jornal *The New York Times*, há uma crítica negativa a Jane Austen, onde o autor afirma, de maneira categórica, que a Austen é uma péssima leitora e possui aversão ao conhecimento útil. O crítico ressalta ainda que Austen possuía uma grande bagagem cultural, mas não fazia bom uso da mesma ao se limitar a escrever romances considerados inúteis.

Sobre a recepção crítica dos romances de Jane Austen no século XIX, Sandra Vasconcelos, crítica literária e professora de literatura inglesa da USP, afirma que nada faria supor que os romances de Jane Austen viriam a ocupar lugar de destaque e se tornariam clássicos. “No entanto, essas narrativas de amor e casamento tornaram-se, ao longo do tempo, unanimidade de público e de crítica e deram a Austen a fama que ela não conheceu em vida.”<sup>13</sup>. As oportunidades intelectuais e de desenvolvimento profissional eram limitadas para as mulheres do século XIX, mas Austen soube abordar o tema da educação feminina, e suas protagonistas sempre se apresentam como heroínas inteligentes. Ao final dos romances, as personagens principais sempre se tornam mais maduras e experientes. Assim, “podemos vislumbrar problemas mais fundos, que dizem respeito à condição feminina, ao dinheiro e à posição social numa sociedade muito estratificada e presa às convenções.”<sup>14</sup>.

## 6. CONCLUSÃO

Jane Austen desfrutou de fama considerável em vida, embora não seja possível compará-la ao reconhecimento de que a autora disfruta hoje nos mais diversos âmbitos da sociedade. Mesmo que os romances não fossem aceitos no século XIX, Austen se aventurou pela publicação de seis livros do gênero, contrariando todas as normas ditadas pelos literatos da sociedade vitoriana.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. (2011) “A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX”. In: Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes Universidade de São Paulo, pp. 115-130.
- ABREU, Márcia. (2011) “Nos primórdios da crítica - julgamentos literários produzidos pela censura luso-brasileira”. In: FIGUEIREDO, Carmen Lúcia N. de; HOLANDA, Silvio Augusto de O.; AUGUSTI, Valéria (org.). Crítica e literatura. De Letras, Rio de Janeiro, pp. 197-220.

---

<sup>13</sup> VASCONCELOS, 2013

<sup>14</sup> *Ibidem*.

- ABREU, Márcia. “Diferentes formas de ler”. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>>. Acesso em: 21 out. 2014.
- ARTIGO The New York Times. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/mem/archivefree/pdf?res=F20F1FF73D5910738DDDAFOA94DB405B8284FOD3>> Acesso em 8 out 2013.
- AUSTEN-LEIGH, J. E. (1871). “Memoir of Jane Austen.” Richard Bentley & Son, Londres. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/17797/17797-h/17797h.htm>>. Acesso em: 20 out. 2013.
- AUSTEN-LEIGH, W. & R. A. (1913). “Jane Austen: her life and letters, a family record.” E. P. Dutton & Company, Nova Iorque. Disponível em: <<http://ia700307.us.archive.org/3/items/janeaustenherlif008170mbp/janeaustenherlif008170mbp.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.
- BLOOM, Harold. (1985). “O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do tempo.”. Objetiva, Rio de Janeiro.
- BORDIEU, Pierre. (2005). “As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.” Companhia das Letras, São Paulo.
- COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. (2003) “Pierre Bourdieu e a gênese do campo literário”. Revista de Letras, Ceará, voU/2, n° 25, jan/dez. <<http://www.revistadeletras.ufc.br/r125Art09.pdf>>. Acesso em: 23 abril 14.
- EVANS, Ifor. (1976). “História da Literatura Inglesa.” Edições 70, Lisboa.
- FERGUS, Jan. (2009) *The Literary Marketplace*. In: JOHNSON, Claudia L.; TUIITE, Clara (ed.). “A Companion to Jane Austen.” Wiley-Blackwell, Oxford.
- HUDOCK, Amy (Coaut. de) et al. (2005). “FEMINISM in literature: a Gale criticaai companion.” Thomson Gale, Detroit.
- IRVINE, Robert, P. (2005). “Jane Austen: Routledge Guides to Literature”. Routledge, Nova Iorque.
- LAROUSSE, Pierre. (1866-[90]). “Grand dictionnaire universel du XIXe. siècle”. Larousse et Boyer, Paris.
- RYLEY, Gilbert. (1983) “Jane Austen and the moralists”. In: SOUTHAM, B. C. (Ed.). *Critical essays on Jane Austen*. Routledge & Kegan Paul, Londres.
- SAINT-FARGEAU, Pierre Augustin Eusébe Girault de. “Revue des Romans.” Disponível em: <[http://fr.wikisource.org/wiki/Revue\\_des\\_Romans/Jane\\_Austen](http://fr.wikisource.org/wiki/Revue_des_Romans/Jane_Austen)>. 8 out. 2013.
- SALLABERRY, Raquel. “Minibiografia de Jane Austen”. Disponível em: <<http://www.janeausten.com.br/minibiografia-de-jane-austen/>> . Acesso em: 21 out. 2014.
- THE National Archives. Disponível em: <<http://apps.nationalarchives.gov.uk/currency/default.asp#mid>>. Acesso em: 21 out. 2014.
- VASCONCELOS, Sandra. (2003). “O Clássico de Combate.” Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/01/o-classico-de-combate/>>. Acesso em: 8 out. 2013.
- VASCONCELOS, Sandra. (2007) “A Formação do romance inglês: ensaios teóricos”. Hucitec / FAPESP, São Paulo.
- WITTER, Nikelen. “Orgulho e Preconceito: Os 200 anos de um livro arrebatador.” Disponível em: <<http://miltonribeiro.su121.com.br/2013/08/30/orgulho-e-preconceito200-anos-de-um-livro-arrebatador/>>. Acesso em: 20 out. 2013.